

AINDA EXISTE ESPERANÇA: AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA PARA COMBATER A BARBÁRIE E PROMOVER UMA EDUCAÇÃO EFETIVA E HUMANIZADA.

Airton Pereira Moura ¹
Bruno Alves Reinaldo ²
Israel Rocha Brandão ³

RESUMO

O presente artigo se deu a partir da disciplina “Educação e Afetividade”, que está presente na grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O mesmo tem por objetivo apresentar os resultados de nossos estudos nessa disciplina, demonstrando nossa concepção a partir da fala de estudiosos e das aulas, abordando como se dá a afetividade nos seres humanos e como a mesma está inserida e pode ser uma poderosa ferramenta na promoção de uma educação pautada na formação humana, emancipadora e amorosa. Nesse trabalho mostraremos como os assuntos que envolvem a afetividade podem contribuir de forma positiva na educação e na construção do sujeito, onde o educador afeta os educando, isto é, há uma troca recíproca e necessária de afetos. A partir desse estudo foi possível identificar os benefícios para a educação, quando o docente trabalha de forma humanista, envolvendo em suas metodologias de ensino a afetividade, por fim observamos como a afetividade pode minimizar as barbáries nos dias atuais.

Palavras-chave: Afetividade, Educação, Barbárie.

INTRODUÇÃO

As práticas de afetividade vão muito além do ato de abraçar e ser abraçado, tendo em vista que essas abordam situações comuns ao cotidiano dos indivíduos, que buscam trabalhar as questões de afeto associadas a sentimentos e emoções, estudando também as ações e o comportamento humano nas mais variadas situações do contexto social.

Na educação, a afetividade ainda é uma abordagem bastante ausente e para a nossa atual conjuntura isso é um fato preocupante. Muitas vezes o professor está muito ocupado com os resultados quantitativos de seus alunos, deixando de trabalhar o melhor deles, onde muitos por possuírem uma realidade de barbárie, tem seu processo de

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, airtomoura@gmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, bruno.reinaldo16@hotmail.com;

³ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e Pós-Doutor pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). meupeixe@gmail.com.

aprendizado e formação humana limitada e bloqueada.

Mas afinal, o que é afetividade? A abordagem afetiva se encontra relacionada aos mais variados contextos, tendo em vista sua presença nos diversos ambientes sociais. Wallon (1968) *apud* Tassoni (2000) afirmam que essa abordagem envolve manifestações que englobam sentimentos (ordem psicológica) e emoções (origem biológica) e que é possível notar sua presença a partir da capacidade de transformar emoções em sentimentos e sua representação lhe confere certa durabilidade. Vygotsky nota a presença dessa abordagem em seus estudos quando bem retrata a questão das interações e como o afeto pode ser crucial para o desenvolvimento destas, possibilitando um meio mais harmônico, capaz de se desenvolver e promover uma ação pautada no bem comum.

Na sociedade atual, para se pensar em afetividade torna-se necessário pensar em liberdade. A exclusão presente no meio social limita o ser humano a viver em condições dignas de vida e sua base se desestrutura cada vez mais, onde muitas pessoas não possuem sequer recursos necessários para a sua sobrevivência humana, carecendo também de afetos, sendo eles: carinho, amor, felicidade, liberdade, liberdade essa que a cada dia está mais pesada e limitada, onde os indivíduos estão vivendo apenas recortes dessa liberdade.

A afetividade deveria ser uma ferramenta imperceptível e usada para potencializar as relações sociais, trabalhando a harmonia do indivíduo com o coletivo. Sawaia (2003) propõe que a afetividade deve ser uma ação transformadora da realidade fragilizada que estamos inseridos, tendo em vista a busca pela a matéria que vem com mais intensidade e frequência do que a busca pelos sentimentos.

Ao tratar sobre o sofrimento ético político na abordagem da afetividade em sociedade, Sawaia (2003) faz referência ao sofrimento de exclusão, tido por forte opressão das classes dominantes e de nossos representantes, que se posicionam de forma neutra. Essas classes são sabedoras das dificuldades e necessidades da população, mas nada fazem para mudar essa realidade, a grande massa não tem oportunidades de obter uma posição de direitos, apenas deveres e mais deveres.

Sabemos que o Estado e suas políticas não atendem e não querem atender as necessidades e direitos das pessoas que estão inseridas em situação precária e vulnerável. Paulo Freire (1996) em sua obra “Pedagogia da Autonomia” levanta uma crítica para o Estado, onde diz que eles assumem uma posição astutamente neutra sobre a máscara da neutralidade, e diz também que nenhum ser humano deveria ser instruído para se adaptar as condições sociais que o desfavorecem, o “favelado” não deve jamais se culpar ou se retrair,

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

não deve ter vergonha de sua condição, pois o culpado não é ele, e sim o Estado, por deixar isso acontecer e não intervir da maneira devida.

Tratando a afetividade como estratégia pedagógica é necessário obter um conhecimento prévio sobre afetividade. Não podemos utilizar essa metodologia apenas de modo superficial, mas sim, de forma que a contemple todas as características essenciais e fundamentais. A questão a se trabalhar é delicada, pois o educador precisa transmitir os afetos não unicamente de forma física, abraçando ou beijando, mas também cuidando dos sentimentos, valorizando as histórias e experiências de todos os indivíduos, levando em conta a realidade em que estão inseridos e apontar a escola como agente crucial na modificação de sua condição social.

Essa prática quando aplicada corretamente, acarreta resultados extraordinários no ensino e aprendizagem, de forma a extrair o melhor do aluno. O professor deve então doar o melhor de si e instruir seus alunos a fazerem o mesmo, desenvolvendo assim uma relação afetiva que permeie na vida dos indivíduos, não apenas nos espaços escolares, mas como sujeitos transformadores que afetam e são afetados. Sawaia (2003) afirma que é necessário não controlar as emoções para educar, mas desbloquear a capacidade de afetar e ser afetado e restabelecer o nexos entre ação e razão, rompido pela exclusão e pela disciplinarização. Disciplinarização essa usada para formar pessoas alienadas e sujeitos sem moral e com valores superficiais.

METODOLOGIA

Esse trabalho tem caráter de pesquisa bibliográfica, onde se apropriamos dos pensamentos e estudos de autores, assuntos ligados ao nosso tema desenvolvido, no caso a afetividade e suas especificidades. Conforme esclarece Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse método de pesquisa nos favorece, pois é por meio dele que adquirimos mais conhecimentos sobre o assunto que desenvolvemos, proporcionando formas e meios de fundamentar teoricamente esse artigo.

Para o incremento desse trabalho, as discursões nas aulas de Educação e Afetividade foram de suma importância, pois o Professor e também orientador Israel Brandão, articulava assuntos e autores correlacionando esses com as nossas experiências, grupos tutoriais eram

feitos, onde equipes se reuniam para realizar seus próprios estudos, onde recebíamos apenas algumas orientações, esse trabalho foi desenvolvido por meio dessas metodologias e avaliado seguindo critérios pré-estabelecidos.

DESENVOLVIMENTO

O CREPÚSCULO DA AFETIVIDADE

Ao tratar a abordagem afetiva, muitos estudiosos da área discutem acerca das paixões e da forma como elas conduzem a vida humana. Espinosa (1989) *apud* Brandão (2012) trata dessa perspectiva como sendo um afeto passivo. Isso se dá pelo fato que as paixões não dependem unicamente de fatores internalizados por nós, mas sim de ações que vem de fora, que tem intervenção do meio e, portanto, não a compreendemos de maneira total, diferentemente das ações que são voltadas para o indivíduo em seu interior e são destinadas a si mesmo.

Essas paixões, diferentemente das ações, são divididas em paixões alegres e paixões tristes. Essa divisão se dá quando percebemos o efeito que tal ação vinda de fora resultou em nosso estado de espírito. Resulta em uma paixão alegre quando a ação vem para nos fortalecer e culmina em uma paixão triste quando essa ação nos enfraquece, reduzindo a nossa capacidade de estar satisfeito consigo.

Mas por que essa abordagem vem a se tornar um “crepúsculo”? Brandão (2012) traz a tona que essas paixões sempre estarão presentes conosco e muitas vezes podem ser contraditórias, pois somos seres humanos que nos mantemos em constante contato com o meio e muitas ações vindas de fora são maiores do que a nossa potência e irão interferir em nossas vidas e a nossa própria limitação humana nos destina a ter paixões.

Muito das contradições presente nas paixões se refere ao modo como absorvemos as ações vindas do exterior, tendo em vista que muitas delas poderão resultar em um efeito positivo para alguém, mas um efeito negativo para outros. Um exemplo disso muito presente no cotidiano são os presentes que os pais dão para seus filhos, onde ambos podem receber o mesmo objeto e um pode agir de maneira totalmente feliz e satisfeito e o outro pode não gostar e receber de maneira triste e insatisfeita.

Para compreender ainda melhor essa abordagem, torna-se necessário compreender dois conceitos bastante utilizados por Espinosa dentro de sua perspectiva afetiva que são o

conatus e a potência, que serão conceitos abordados mais a frente desse trabalho.

EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE EM ADORNO

A BARBÁRIE ATUAL

Para se compreender a importância da afetividade no contexto atual, muitos estudiosos da área buscam explicar a questão da barbárie na sociedade atual, tendo em vista os conflitos diariamente provocados pela carência de afeto e empatia nas pessoas, as tornando seres tristes, sem perspectivas e que diariamente se enfraquecem com as mazelas do mundo, fazendo permanecer o ódio e a raiva ao próximo.

A realização de guerras, ditaduras, holocausto, dentre outros movimentos sangrentos, nos evidencia diariamente que a nossa sociedade não está pautada nos preceitos afetivos, pois a intolerância, o desrespeito e a tristeza estão cada vez mais assolando a nossa sociedade, bem como retrata o filme “O pianista” apresentado em sala que retrata a vida triste e barbara que os judeus passaram ao longo da segunda guerra mundial.

Muito do que já ocorreu na história vem se repetindo e é notório o quanto a humanidade carece de empatia para compreender o pensamento das pessoas e ir em busca da paz coletiva, como ocorreu com os grandes pensadores sobre a abordagem afetiva, que tiveram suas vidas devastadas por irem contra o sistema vigente ao longo da barbárie.

Adorno (2000) em sua trajetória de vida tratou bastante essa questão da barbárie, onde o mesmo fazia uma dura crítica aos meios de comunicação em massa, que em seu ponto de vista servem para manipular a opinião das pessoas, fazendo-as pensar de maneira igual, tornando-as totalmente submissas ao que era lançado como padrão social de consumo, denominando esse fenômeno como indústria cultural.

O autor também traz essa perspectiva para dentro da abordagem política na sociedade, pois é um setor que atua diretamente nas nossas vidas, onde o mesmo trata a questão de Auschwitz, que representam os campos de concentração utilizados para matar milhões de pessoas durante a segunda guerra, que representou um período sangrento da história mundial, onde a barbárie foi exposta de maneira nua e crua, totalmente ocasionada pela falácia da política de um país, que resultou na maior quantidade de pessoas mortas de uma vez. Para ele, a educação representa uma grande ferramenta para “desbarbarizar” o mundo o qual estamos inseridos.

A SUPERAÇÃO DA BARBÁRIE PELA EDUCAÇÃO

Ao tratar a questão educação dentro da barbárie, Adorno levanta alguns posicionamentos. Ao abordar seu ponto de vista, concorda que a educação para agir no combate a barbárie, é necessário o conhecimento de como se dá a barbárie e a partir dali, buscar meios que possam combater aquilo que a gera, onde Adorno aborda bastante os estudos de Freud e como a psicanálise está presente nesse contexto.

Ao tratar essa perspectiva, o Adorno (2000) questiona o princípio da autoridade, tendo em vista que o mesmo é gerador muitas vezes dos conflitos que envolvem a educação. De fato, para ter uma educação pautada nos princípios afetivos, é necessário que a educação sirva para a emancipação dos indivíduos, onde eles possam pensar por si e respeitar as divergências presentes na sociedade e para isso é necessário a superação de conflitos do passado que se perpetuam na atualidade.

Para termos uma educação pautada na emancipação é necessário trabalhar inicialmente na educação de base, onde o indivíduo será instruído a pensar por si, tirando suas próprias conclusões acerca de algo, promovendo uma reflexão sobre si e qual deve ser seu papel na sociedade para contribuir de maneira positiva dentro do que o indivíduo aprendeu que seria certo e a partir dali, ir em busca do bem comum.

A sociedade atual está unicamente preocupada com seu próprio bem estar, deixando de lado o amor ao próximo e se deixando levar por opressores que visam unicamente o seu próprio bem-estar e repassam para a sociedade uma sensação de que só serão felizes se seguirem os padrões estabelecidos, assim como faz a indústria cultural e cabe a nós combater esse tipo de mecanismo que nos limita e nos condiciona enquanto seres pensantes.

A EDUCAÇÃO AFETIVA EM ESPINOSA

CONATUS E POTÊNCIA

Para se compreender a abordagem afetiva de maneira geral dentre todos os seus preceitos, é necessário o conhecimento de dois conceitos expostos por Espinosa: conatus e potência. O conatus pode-se dizer que representa o esforço, ao que se refere ao esforço positivo, tendo como objetivo barrar os esforços negativos provindos do meio externo.

O homem desenvolve o conatus para preservar o seu interior, e barrar as

negatividades que assombram a vida dos seres. (ESPINOSA, 1989 *apud* BRANDÃO, 2012). É a força contrária a morte, pois aquele que é fragilizado e tem chances de provocar a própria morte, é o ser que tem seu conatus afetado pelo meio, que não conseguiu desenvolver habilidades para aumentar o amor pela vida, não soube trabalhar seu conatus a seu favor e bom uso.

O desejo nos permite agir, mas vale ressaltar que só exercermos essa ação quando em contato com o meio, isto é, quando somos afetados pelas coisas e pessoas. Não escolhemos as coisas por achar que são boas ou ruins e sim porque necessitamos de tais coisas, mesmo não nos agradando, nos convêm a tê-las.

O conatus nos impulsiona para a auto conservação e pela busca da autonomia, pela realização pessoal, frisa o bem estar mutuo, a paz, a alegria, a felicidade a liberdade, nos eleva para um quadro positivo, mas em contrapartida e podendo analisar cada caso, é perceptível que o conatus tem suas variações e essas variam de pessoa para pessoa. Algumas têm seu conatus bem elevado, o que a permite estar sempre de bem com a vida e realizada, não se entristece com as críticas ou opiniões negativas, lida bem com essas situações, diferente das pessoas que tem seu conatus mais fragilizado, são pessoas pouco otimistas, se intimidam com as barreiras da vida, em suma, são pessoas que não valorizam a vida tanto como as pessoas que tem seu conatus forte.

Espinosa diz que os impulsos internos não podem por si só ter a autodestruição, a não ser por uma causa exterior, ou seja, o que somos o que pensamos o que fazemos é consequência das experiências e do contato com outras pessoas e com o meio. Quando o indivíduo age de forma passiva, significa dizer que ele é sujeito da servidão, em combate temos a afetividade e liberdade, pois o sujeito que contempla liberdade, alcança a auto conservação e autonomia.

Em se tratando de Potência, essa se refere ao poder de afetar e de ser afetado. A potência se desenvolve por meio das experimentações e vivências com o mundo e com o outro, quanto mais vivemos e mais inseridos em sociedade, mais potentes nos tornamos e decidimos a maneira que acreditamos ser a certa de agir.

Através desses conceitos, Espinosa traz uma relação de extrema ligação entre ambos, tendo em vista que muitas pessoas possuem um grande conatus, mas uma baixa potência e vice-versa, onde para o indivíduo se encontrar e ser feliz é necessário encontrar o equilíbrio entre essas duas vertentes, onde a pessoa não deve somente almejar algo, mas ir em busca dos meios que farão ela alcançar seus objetivos.

AFETOS, LIBERDADE E SERVIDÃO

O afeto tem grandes influências, seja negativa ou positiva da nossa forma de agir. É por meio dele que desenvolvemos nossas habilidades afetivas de poder afetar o próximo e também de ser afetado. O afeto provém dos efeitos das afecções sofridas pelo corpo, tendo a possibilidade desse afeto ou potência ser aumentado ou diminuído, dependendo das circunstâncias que descrevem a ação do sujeito e sua conduta social.

Somos flexíveis e passíveis ao contato com o meio, de sermos seres afetados, seja esse afeto bom (positivo) ou ruim (negativo) no meio ao qual estamos inseridos, mas também parte de nós conhecermos o exterior do meio e também o interior do próximo, criando desta forma vínculos afetivos, pois quando oportunizamos de sermos conhecidos pelo o outro estamos necessariamente aumentando nosso poder de afeto, e tudo isso engloba sentimentos e emoções, não podemos evitar ou reter nossas emoções e sentimentos, temos que compartilhá-los, para ficarmos livres e leves. (BRANDÃO, 2012).

Fazendo uma relação com o conatus, observa-se que quando o indivíduo está feliz, podemos afirmar que o mesmo está com o seu conatus desenvolvido e forte, pois impediu a preponderância dos sentimentos ruins dentro de si. Quando esses sentimentos negativos aparecem e fazem do sujeito um ser triste, é possível constatar que o conatus desse sujeito está fragilizado, tendo em vista que este foi afetado pelo meio de forma negativa e seu conatus não foi forte para combater esses sentimentos desfavoráveis.

Nas relações atuais nos falta o que nunca deveria estar ausente, a liberdade, sabendo que a liberdade é garantida pelo estado, e desde muito cedo já era garantia dos indivíduos, ao que se refere o contrato social postulado pelos filósofos John Locke e Jean Jacques Rousseau, onde a liberdade era assegurada para todos. (CHAUÍ, 2000), estabelecendo o paradoxo entre liberdade e servidão.

Com o passar dos anos, a nossa liberdade foi se limitando, o que nos deixa oprimidos e presos dentro da nossa própria liberdade, lutamos por esse privilégio que em lei nos é dado, mas em prática nos é roubado. A liberdade permite que os indivíduos possam pensar e expressar aquilo que pensa, ir para onde desejar, obedecendo antes de tudo as regras postas pelo Estado na sociedade com o objetivo de organizar as vontades individuais e coletivas, isto é, devemos agir com nossa liberdade mas não devemos ferir a liberdade do próximo.

Para Espinosa a liberdade se efetiva quando nos apropriamos das paixões alegres e

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

também quando seguimos nosso conatus, pois é intrínseca a relação do conatus com a liberdade, já que ambas almejam a autonomia dos sujeitos e a busca pela positividade dos afetos, uma pessoa cuja liberdade é impossibilitada, logo seu conatus é prejudicado. Quanto mais o homem tem suas emoções e sentimentos negativos, quanto mais ele desconhece de si e do meio externo, mais longe da sua liberdade ele está, ao contrário, o homem deve buscar e lutar incansavelmente pela a efetivação de sua liberdade, mas para isso é necessário desenvolver habilidades que engrandecem sua potência positivamente. (ESPINOSA, 1989 *apud* BRANDÃO, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos afirmar que o uso da afetividade como ferramenta pedagógica pode proporcionar para os alunos uma melhoria nas relações pessoais e interpessoais, os alunos saberão lidar com o eu e também com o outro, vai aprender a usar e controlar suas emoções, e poder usar essas para fortalecer o eu interior. O professor deve realizar pesquisas e fundamentar teóricamente assuntos que envolvem a afetividade, para que possa trabalhar da forma mais produtiva e eficaz, levando em conta o currículo escolar da turma, para que os assuntos trabalhados não sejam muitos distantes dos assuntos que contemplam esse currículo.

O professor tem que ter plena convicção que ele tem o poder de afetar seus alunos, se ele tem esse poder, o mesmo deve levar aos seus alunos a desconstruir os estereótipos que a sociedade insiste em manter, acabar com as barbaries, tão presentes ultimamente, minimizar as causas que enfraquecem a potência do nosso conatus, pois como foi visto nesse trabalho, quando falamos sobre conatus e potência, sabemos que somos afetados constantemente, e que muitas das vezes é de maneira negativa, seja uma frustração ou uma perda, e isso influencia de maneira negativa nosso conatus. Temos que ser resistentes a todas as formas de barbárie, não deixar que essas nos enfraqueçam e acabe com nossos sonhos.

Qual o sentido de um mundo cujos sentidos são fabricados, ofertados a todos e adquiridos por alguns, através de um cartão magnético? (BRANDÃO, 2012), quando o autor Brandão exprime essa indagação, mostra a facilidade que hoje se tem de possuir ou conquistar bens materiais ou sentimentos alheios, tamanha praticidade embasa as relações sociais, diminuindo cada vez mais a autenticidade, isto é, o contato e o cuidado pelo outro, devemos nos apropriar da afetividade e com ela construir novos valores, novas amizades, encontrar nela

formas e caminhos para acabar com as mazelas e com as barbáries que vem nos assolando a séculos e que perdura até hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os argumentos citados ao longo deste presente trabalho, podemos concluir que a abordagem afetiva na educação é uma ferramenta extremamente poderosa e capaz de modificar a realidade do sistema educacional atual. A mesma detém de todos os preceitos que a educação de fato deve trabalhar, que se refere a emancipação do indivíduo em sociedade, a construção da sua autonomia, a capacidade de colocar-se no lugar das pessoas, dentre outras perspectivas.

Dentro dessa abordagem, percebemos também a importância do papel do professor em adentrar com mais estudos nessas questões, tendo em vista que o professor deve ser pesquisador, deixar de lado aquela visão de docente que apenas explica os conteúdos e almeja resultados positivos tal qual foi dado. O professor pesquisador trabalha com o que gosta, com o que lê e com assuntos que sabe que seus alunos necessitam em suas vidas fora dos espaços escolares. A afetividade aplicada com uma metodologia ativa e inovadora torna os alunos promissores e questionadores de regras preestabelecidas pelas escolas, propiciando- o mais autonomia para a concepção de seus saberes e promoção da emancipação.

A disciplina que inclui a temática de afetividade foi de extrema importância para nossa formação pessoal e acadêmica, tendo em vista que essa nos proporcionou uma visão para além da educação tradicional, nos fazendo enxergar na afetividade uma forma de transformar a realidade das pessoas que estão inseridas em nosso contexto e cabe a nós contribuir da melhor maneira possível para formar pessoas afetivas, que tenham empatia pelos outros, para assim, proporcionar um futuro promissor para a nossa sociedade, dando fim a essa “cultura” de barbárie.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRANDÃO, Israel Rocha. Afetividade e transformação social. **Sobral–Ce. Edições universitárias**, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Estado de Natureza, contrato social, Estado Civil na filosofia de Hobbes, Locke e Rousseau. **Filosofia. Ed. Ática, São Paulo**, v. 220, 2000

COELHO, Luana; PISONI, Sileno. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista Modelos–FACOS/CNE C Osório. Ano**, 2012.

DRAGO, Rogério; RODRIGUES, P. da S. Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões. **Revista FACEVV, Vila Velha**, n. 3, p. 49-56, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAWAIA, Bader Burihan et al. Fome de felicidade e liberdade. **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Ed.)**, **Muitos lugares para aprender**, p. 53-63, 2003.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED**, p. 1-17, 2000.

VERAS, Renata da Silva; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário The affection in the teacher-student relationship and its implications on learning in the university context. **Educar em Revista**, v. 219, n. 38, p. 219-235, 2010.